

A TEORIA DOS DOIS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA NOS PAÍSES DESENVOLVIDOS: SEU ESQUECIMENTO OU SUA SUPERAÇÃO?¹

Eliseu Savério SPOSITO²

Introdução

O objetivo deste trabalho é apresentar *uma* leitura (nem abrangente, nem absoluta) da teoria dos dois circuitos da economia urbana, elaborada por Milton Santos³ e publicada na década de setenta, que serviu de base para nossa dissertação de mestrado, cujo objetivo principal era a compreensão da migração e da permanência das pessoas em duas cidades pequenas do Oeste do Estado de São Paulo⁴. Inicialmente, é importante salientar que estamos nos baseando principalmente em notas já publicadas na década de 1980⁵ e que as reflexões que apresentaremos a seguir têm como objetivo, também, rever o que há de novo em relação à teoria.

Características da teoria dos dois circuitos da economia urbana

Para iniciar a presente discussão, vamos apresentar alguns componentes da teoria.

¹ O presente texto é decorrente das idéias apresentadas e debatidas quando de nossa participação no evento "O mundo do cidadão - um cidadão do mundo", realizado na Universidade de São Paulo, Brasil, em homenagem ao Prof. Milton Santos, em outubro de 1996.

² Geógrafo, Professor do Departamento de Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia/UNESP, campus de Presidente Prudente e coordenador do GASPERR (Grupo Acadêmico Produção do Espaço e Redefinições Regionais).

³ SANTOS, Milton. *O espaço dividido. Os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

⁴ SPOSITO, Eliseu Savério. *Migração e permanência das pessoas nas cidades pequenas. Os casos de Pirapozinho e Álvares Machado na Alta Sorocabana*. São Paulo: FFLCH/USP, 1983 (dissertação de mestrado).

⁵ SPOSITO, E. S. O espaço dividido. Elementos para discussão. *Revista de Geografia*. São Paulo: UNESP, v. 2, 1983, p. 151-154.

A obra de Milton Santos busca, em crítica explícita à corrente das planificações em voga nos anos 50 e 60 e seus "atrasos teóricos", inserir na análise do urbano a *dimensão histórica* e a *especificidade do espaço do Terceiro Mundo*, propondo uma nova forma de abordagem, ao sugerir a existência do *circuito inferior* na economia, que seria constituído pelas "atividades de fabricação tradicionais, como o artesanato, assim como os transportes tradicionais e a prestação de serviços" (p. 17). Aqui já se nota uma preocupação com os aspectos econômicos como determinações e, indiretamente, referências a elementos que poderiam ser identificados com a formação sócio-espacial, proposta desse autor em trabalho anterior⁶.

A sua preocupação sempre foi, desde o início de sua produção científica, o urbano e a cidade. Assim, com a teoria dos dois circuitos, Milton Santos⁷ inicia sua produção voltada para a compreensão do *espaço humano*, considerando que "urbanização é um resultado do estágio correspondente, do mesmo modo que as outras formas de arrumação espacial: o estudo da produção do espaço deve funcionar como uma verdadeira teoria do espaço humano" (p. 5). Mais adiante, citando D. Schonh, ele afirma que "a estrutura social, a teoria e a tecnologia são interdependentes" (p. 159), numa alusão ao seu conceito de espaço, subjacente a toda sua produção científica.

Outra característica da teoria dos dois circuitos da economia urbana é que ela pretende uma abordagem principalmente a partir *de e para* os países subdesenvolvidos. Como referências, Milton Santos utiliza, por exemplo, a modernização tecnológica, referindo-se a "uma inovação vinda de um período anterior ou da fase imediatamente precedente" (p. 25), reduzindo a demanda de produtos locais e criando número limitado de empregos (p. 28-29), o que lhe dá um caráter *perspectivo*, pois o problema do desemprego entra fortemente na literatura acadêmica apenas quando os efeitos da crise econômica européia atinge os países periféricos em meados dos anos 80. Quando se refere aos países subdesenvolvidos, base empírica para a teoria, o autor não define qualquer característica dualista para ela, em virtude de suas leituras de textos de Marx e de autores que discutiram Marx. Assim, a dinâmica do Terceiro Mundo e de suas especificidades comparecem nitidamente e dão a sustentação necessária para a teoria.

⁶ SANTOS, Milton. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. *Boletim Paulista de Geografia*. São Paulo: AGB, n. 54, 1977, p. 81-99.

⁷ A obra de Milton Santos intitulada *Por uma geografia nova*, publicada no Brasil em 1979 é significativa para a compreensão da sua produção científica, por se constituir em um exemplo de balizamento teórico-metodológico.

Os dois circuitos seriam definidos por: "1) o conjunto das atividades realizadas em certo contexto; 2) o setor da população que se liga a ele essencialmente pela atividade e pelo consumo" e, ainda: seriam identificados pelas diferenças de tecnologia e de organização (p. 33), criando-se uma *bipolarização* e não um dualismo, porque não haveria nem circuito intermediário nem continuum.

Neste ponto, vamos verificar as características de cada um dos circuitos.

O circuito superior seria caracterizado por:

- o comércio varejista moderno;

- a indústria, mesmo que, nos países subdesenvolvidos, representadas pelas servidões à tecnologia externa (equipamentos, know-how, capital, etc.), e o comércio de exportação;

- os bancos, elo de ligação para a exportação de divisas a partir dos países subdesenvolvidos;

- pela dependência ao setor externo, representado por firmas multinacionais e conglomerados.

Em resumo, o circuito superior seria definido por: capital abundante; tecnologia mais avançada na produção; exportação dos produtos acabados; organização bem burocratizada; assalariamento de toda a força-de-trabalho; e grande estocagem de produtos. A essas características, pode-se acrescentar a proporção de área ocupada pelos estabelecimentos em relação à área do equipamento econômico urbano e sua localização periférica, buscando ou se utilizando de instalações ora existentes ou mesmo de áreas antes não pertencentes ao perímetro urbano.

Finalmente, e não menos importante, "a modernização acarreta um deslocamento da decisão e da dependência sob formas variadas", pois "no nível da cidade isso se exprime pela não-integração das atividades do circuito superior" (p. 94).

Outro importante elemento ligado ao circuito superior é o Estado, através de suas políticas de desenvolvimento, financiando e favorecendo as grandes firmas pelas políticas de impostos e como fornecedor de infra-estruturas, que se empobrece paulatinamente, tornando-se assim cada vez "menos Estado" (p. 135). Os trabalhos futuros de Milton Santos irão enfatizar o conceito de Estado-nação, atualmente muito questionado porque, com os processos de mundialização do capital e de globalização do consumo, estaria perdendo sua força como instância organizativa das sociedades. Mesmo que esse assunto aponte para uma outra discussão, mais extensa e intensa, acreditamos que podemos já apontar para uma não diminuição da importância do Estado-nação mas, ao contrário, de um

fortalecimento das bases sociais - nacionais e locais - nos processos de produção das riquezas e de realização da acumulação ampliada do capital baseada na apropriação da mais-valia social.

Neste ponto, é preciso fazer mais uma inferência a partir do conceito de Estado trabalhado na obra ora analisada: o Estado apresenta seu caráter eminentemente econômico, superando sua capacidade política de articulações. Esse *facies* é resultado da construção da teoria e do momento em que ela se insere na produção geográfica, muito marcada pelas leituras em Economia, marcadamente pela obra de Karl Marx.

Por outro lado, o circuito inferior seria caracterizado por:

- sub-emprego, não-emprego ou terciarização;

- pela pobreza, tanto no campo quanto na cidade, gerando explorados e oprimidos e não econômica ou politicamente marginais; e seria original e complexo, compreendendo "a pequena produção manufatureira, frequentemente artesanal, o pequeno comércio de uma multiplicidade de serviços de toda espécie", cujas unidades "de produção e de comércio, de dimensões reduzidas, trabalham com pequenas quantidades" (p. 155), com pulverização de atividades e estoques reduzidos (trabalho em casa e vendedores de rua).

Desta maneira, o "controle dos custos e dos lucros é raro e "a contabilidade praticamente ausente", com um sistema "dos negócios frequentemente arcaico", com equipamento "de má qualidade, por falta de dinheiro", sendo comum a venda direta (p. 156). O setor de serviço poderia caracterizar também facilmente o circuito inferior, "resultado de uma situação dinâmica e engloba atividades de serviço como a doméstica e os transportes, assim como as atividades de transformação como o artesanato e as formas pré-modernas de fabricação, caracterizadas por traços comuns que vão além de suas definições específicas e que têm uma filiação comum" (p. 158).

Milton Santos diz também que "o trabalho é o fator essencial no circuito inferior, quando no circuito superior é o capital" (p. 160) e, "se no circuito moderno as linhas de crédito são abertas seletivamente para estimular a produção, no circuito inferior são as necessidades de consumo que estão na origem do crédito" (p. 189). Ainda: há uma dependência, no caso do circuito inferior, dos intermediários, representados por atacadistas e transportadores. "Os elementos essenciais do funcionamento do circuito inferior são o crédito, os intermediários financeiros e o dinheiro líquido" (p. 179), sendo que o lucro é menos importante que a sobrevivência (p. 193).

Haveria também um circuito superior marginal como "resultado da sobrevivência de formas menos modernas de organização ou a resposta a

uma demanda incapaz de suscitar atividades totalmente modernas" comportando um caráter "residual e outro emergente", este último dominando nas cidades intermediárias (p. 80).

Para Milton Santos, "a organização do espaço pelos dois circuitos compreende: 1) as atividades capazes de uma macro-organização do espaço; 2) as atividades incapazes de uma macro-organização do espaço" (p. 219), gerando tendências à integração econômica, às relações centro-periferia, com conseqüente empobrecimento da periferia, através da territorialização de desigualdades regionais em virtude da colonização interna, gerando migrações e concentrações cumulativas nas cidades

E ainda: a *dialética* espacial entre os dois circuitos seria representada pela "conquista do mercado e o domínio do espaço", representada "pela tendência do circuito superior a unificar totalmente o mercado e do circuito inferior a reclamar uma parte na organização do espaço e a se colocar em concorrência com o circuito superior" (p. 281). Por outro lado, "essa organização do espaço leva pois à perpetuação tanto do circuito superior marginal como, e principalmente, do circuito inferior. Mas a própria organização do espaço é função da *estrutura* da produção, também responsável pelo empobrecimento na periferia" (p. 289).

Comentários sobre a teoria dos dois circuitos da economia urbana

Neste momento, gostaríamos de fazer três comentários sobre a teoria: um diz respeito à sua *construção metodológica*, o outro diz respeito ao seu papel como *referencial* para estudos de organização interna da cidade, e finalmente as possibilidades de seu *esgotamento* ou superação enquanto teoria.

Começamos, então, pela abordagem da teoria dos dois circuitos através da confrontação entre estruturalismo e dialética. O estruturalismo, para Piaget⁸, comporta as noções de *totalidade* (própria às estruturas, que são formas de elementos subordinados às leis que caracterizam o sistema, pois ela é mais que a soma das partes), *transformações* (as estruturas são estruturantes por natureza), e *auto-regulação* (ritmos e operações, conservando a estrutura e um certo fechamento).

Para Konder⁹, como o conhecimento é totalizante, "a síntese é a visão de conjunto que permite ao homem descobrir a estrutura significativa

⁸PIAGET, Jean. *O estruturalismo*. São Paulo: Difel, 1970.

⁹KONDER, Leandro. *O que é dialética*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

da realidade com que se defronta, numa situação dada" e "a totalidade é mais que a soma das partes que a constituem" (p. 37), sendo as totalidades mais ou menos abrangentes e um momento do processo de totalização que gera o novo que só se realiza após o acúmulo de mudanças nas partes que o compõem ou, como propõe Prado Jr.¹⁰, a totalidade transcende a soma dos elementos que a condiciona e estrutura a sua individualidade própria.

Agora vejamos alguns aspectos da teoria a partir da confrontação entre estruturalismo e dialética.

A teoria dos dois circuitos da economia urbana de Milton Santos baseia-se fundamentalmente em:

1) *noção de escala*, representada pelo Estado-nação, mais em sua dimensão econômica que política, pois por ser uma proposta teórica de economia urbana, o autor flexiona-a desde a abrangência total do espaço subdesenvolvido até as atividades restritas às periferias das grandes metrópoles e mesmo de localidades menores.

2) a *noção de tempo e de espaço*, não estudando-as separadamente ("o espaço social não pode ser explicado sem o tempo social" - p. 206), afirmando que a *noção de tempo* é inseparável da idéia de sistema (p. 207), pois "de um ponto de vista geográfico, o que se deve levar em conta é a sucessão de sistemas e não a de variáveis ou subsistemas isolados" (p. 208); e que o espaço é uma acumulação desigual de tempos, pois o lugar "é o resultado de ações multilaterais que se realizam em tempos desiguais sobre cada um e em todos os pontos da superfície terrestre" (p. 211). Neste ponto pode-se dizer que Milton Santos não foge à *noção de estrutura*, mas introduz a *noção de espaço-tempo em movimento*, pois a estrutura é representação de fatos concretos.

3) ao colocar a relação dialética entre os dois circuitos, o autor pretende ultrapassar a abordagem estruturalista, embora atenha-se à *noção de estrutura*, pois parte de um tratamento *global da economia* e procura encontrar uma hierarquia de causas.

Podemos dizer, também, Milton Santos contribui, além do avanço da proposta teórica dos dois circuitos, para uma explicação a partir da *investigação dialética*; contudo, sem eliminar elementos estruturalistas de seu pensamento. Esse fato carrega o mérito de se esboçar uma teoria exercitando-se o método, a partir do raciocínio *dedutivo*. Finalmente, é preciso anotar outro aspecto conclusivo a respeito da teoria: a sua construção a um momento do desenvolvimento teórico e a um embasamento

¹⁰PRADO Jr., Caio. Teoria marxista do conhecimento e método dialético materialista. *Seleção de Textos*. São Paulo: AGB, n. 6, 1979, p. 1-39.

metodológico específico do momento: Marx e o estruturalismo, quando os discursos sobre o terceiro-mundismo ainda estavam muito presente.

Vejamos, agora, como a teoria pôde servir como suporte para um estudo de caráter empírico. Utilizá-la para analisar duas pequenas cidades no estado de São Paulo foi uma tentativa de explicá-las à luz de uma teoria que fora elaborada nos e para os países subdesenvolvidos. No entanto, dado o pequeno tamanho das cidades, a identificação dos elementos (dada a precariedade das informações¹¹) foi fácil com relação ao circuito superior, mas muito difícil e complexa quanto ao circuito inferior. A identificação foi possível apenas com relação a certos componentes de cada um dos circuitos (do superior: bancos, empresas de capital externo; do inferior: artesanato, comércio e serviços) e a alguns elementos que se situavam na intersecção entre os dois circuitos, mostrando que, mesmo numa cidade pequena, a elaboração das informações é difícil. Uma conclusão possível foi a relação quanto à mobilidade da população: aquelas que tinham atividades ligadas ao circuito superior, tinham tendência maior à emigração, enquanto que as pessoas que permaneciam ou que mostravam tendência à permanência no lugar, sem propensão à migração, tinham suas atividades ligadas ao campo ou ao circuito inferior. Enfim, a percepção do espaço e a tendência à mobilidade estava diretamente relacionada ao tipo de atividade relativa a cada um dos dois circuitos.

Finalmente, como último comentário que propusemos mais acima, é necessário também refletir sobre a repercussão da teoria no pensamento geográfico e o exercício para sua compreensão e superação. Além do estudo anteriormente citado, não tivemos conhecimento de nenhum outro que procurasse debater/aplicar a teoria dos dois circuitos da economia urbana, embora isso possa ter acontecido em algum momento. Mesmo assim, a impressão que fica é que a teoria, produzida a partir de uma realidade, não fora a ela aplicada pelos geógrafos do terceiro mundo (no Brasil, pelo menos), procurando elaborar contribuições para a sua discussão.

Concluindo os comentários

É preciso lembrar, neste momento, a atualidade e o caráter perspectivo da teoria porque ela adianta: a) o papel do desenvolvimento e da dependência tecnológica na estruturação da economia de uma cidade e, mais

¹¹ Um dos grandes problemas para se realizar pesquisa, no Brasil, é a necessidade de se produzir as informações em enquetes aplicadas diretamente ao objeto de estudo.

amplamente, de um país do Terceiro Mundo; b) os fluxos de transferências de recursos; c) a segregação de certos lugares, através da sua não-integração, ao sistema mundial de relações e da existência de setores preferenciais para os investimentos estrangeiros; d) a dependência do setor externo; e) o papel do sistema bancário; etc. Por outro lado, ela comporta o conceito de formação social, como componente teórico subjacente.

A mundialização do capital e o caráter perverso da sua acumulação que se tornou claro a partir dos anos oitenta, regulado pelas relações desequilibradas nas balanças de pagamentos entre os países que ganham e os países que perdem; os processos de globalização exemplificados pela expansão do consumo de mercadorias, diferenciando os lugares; a formação de redes de cidades mundiais, articuladas num nível superior em relação ao restante das outras grandes cidades e principalmente das localidades menores: essas tendências já estavam antecipadas pela teoria dos dois circuitos da economia urbana. E acreditamos, ao dizer isso, não estar forçando conclusões apressadas. Basta verificar os elementos considerados na elaboração da teoria citada e os elementos que foram privilegiados, posteriormente, nas análises da economia urbana dos países subdesenvolvidos.

Em outras palavras, a linguagem, os conceitos, as referências principais da teoria demonstram antecipação de fenômenos como a globalização, a mundialização, as especificidades locais, etc.

Não é nosso objetivo, neste momento, fazer comparações profundas, mas podemos arriscar dizendo o seguinte: como a produção do conhecimento científico faz-se de maneira contínua, vários elementos considerados pela teoria foram apontados concomitantemente ou até mesmo de maneira antecipada com relação a teorias que, partindo da realidade dos países desenvolvidos, buscaram explicar a mundialização da economia. Ela já mostrava, em outras palavras, o papel e a persistência de mecanismos de produção decorrentes do modelo fordista na produção de mercadorias industrializadas nos países subdesenvolvidos.

Sabemos também que, para que o pensamento geográfico se consolide, é preciso que se faça a epistemologia do conhecimento produzido, com vistas a se esgotar e superar paradigmas e, além do mais, exemplificar através do exame de casos particulares, como se pode compreender e transformar as teorias.

Desta maneira, podemos, neste breve exame, para mostrar a importância do pensamento de Milton Santos, dizer que a teoria foi mais esquecida que debatida, foi mais abandonada que superada, dada a ausência de uma ampla discussão sobre ela. Podemos dizer também que na cidade dos

anos sessenta e setenta, em comparação com a cidade do presente, os dois circuitos parecem de maneira diferenciada: no passado eram mais nítidos; atualmente vemos dificuldades em sua identificação de maneira clara.

Como na obra *O espaço dividido* existem afirmações ainda atualizadas, é necessário ainda uma continuação desse debate para que a teoria seja esgotada ou superada.

Referências bibliográficas

- KONDER, Leandro. *O que é dialética*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- PIAGET, Jean. *O estruturalismo*. São Paulo: Difel, 1970.
- PRADO Jr., Caio. Teoria marxista do conhecimento e método dialético materialista. *Seleção de textos*. São Paulo: AGB, n. 6, 1979, p. 1-39.
- SANTOS, Milton. *O espaço dividido*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.
- SANTOS, Milton. *Por uma geografia nova*. São Paulo: Hucitec/EDUSP, 1978.
- SANTOS, Milton. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. *Boletim Paulista de Geografia*. São Paulo: AGB, n. 54, 1977, p. 81-99.
- SPOSITO, Eliseu S. *Migração e permanência das pessoas nas cidades pequenas. Os casos de Pirapozinho e Álvares Machado na Alta Sorocabana*. São Paulo: FFLCH/USP, 1982 (dissertação de mestrado).
- SPOSITO, Eliseu S. O espaço dividido: elementos para discussão. *Revista de Geografia*. São Paulo: UNESP, v. 2, 1983, p. 151-154.